



PSICANÁLISE

Luiz Carlos Uchôa Junqueira Filho

Vaidade

A sedução pelo desejo mimético

Blucher

VAIDADE

A sedução pelo desejo mimético

Uma transcrição das

Reflexões sobre a Vaidade dos Homens, de Matias Aires.

Luiz Carlos Uchôa Junqueira Filho

Vaidade: a sedução pelo desejo mimético
© 2021 Luiz Carlos Uchôa Junqueira Filho
Edgard Blücher Ltda.

Publisher Edgard Blücher
Editor Eduardo Blücher
Imagem da capa

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar
04531-934 – São Paulo – SP – Brasil
Tel.: 55 11 3078-5366
contato@blucher.com.br
www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme
5. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua
Portuguesa*, Academia Brasileira de Letras, março
de 2009.

É proibida a reprodução total ou parcial por
quaisquer meios sem autorização escrita da edito-
ra.

Todos os direitos reservados pela Editora Edgard
Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Junqueira Filho

Vaidade: a sedução pelo desejo mimético /
Luiz Carlos Uchôa Junqueira Filho. -- São Paulo
: Blucher, 2021.

114 p.

Bibliografia

ISBN 978-65-5506-108-6 (impresso)

ISBN 978-65-5506-109-3 (eletrônico)

1. Filosofia. 2. Matias Aires. I. Autor. II. Título.

21-0999

CDD 401.41

Índice para catálogo sistemático:
1. Filosofia

Conteúdo

1. Introdução	11
2. O Homem e Seu Tempo	13
3. O Espírito não mente	19
4. Reverberações das “Reflexões”	23
5. Carta sobre a Fortuna	65
6. Os “filósofos” moralistas	69
7. Vaidade: a sedução pelo desejo mimético	77
8. Freud e a vaidade: uma inesperada surpresa	91
9. O Édipo Mimético: um exemplo mítico do mecanismo do “Bode Expiatório”	97
10. A ubiquidade contemporânea da imitação	105
Bibliografia	113

1. Introdução

Este livro nasceu graças a uma conversa casual com Elias Thomé Saliba, Professor Titular de Teoria da História na USP, na qual, falando-se da vaidade, ele lembrou-se de um livro publicado em Lisboa em 1752 por Matias Aires Ramos da Silva d'Eça (1705-1763), escritor e filósofo moralista nascido em São Paulo, mas educado em Portugal a partir dos 11 anos.

Grças à sua gentileza de emprestar-me um exemplar de sua posse impresso para a Imprensa Nacional de Portugal (Casa da Moeda), em 1980, pude logo perceber tratar-se de uma joia rara onde encontramos reflexões não só de cunho filosófico acerca da vaidade, mas também de índole metapsicológica, isto 104 anos antes do nascimento de Freud.

Embrenhando-me na leitura dos 163 preceitos que compõem estas reflexões, fui me sentindo convocado a compartilhar este achado de grande valor psicanalítico com um público mais amplo, mas, para tanto, percebi que algumas adaptações se faziam necessárias. Em primeiro lugar, urgia atenuar a afetação de um texto eivado de gongorismo, ou como se dizia na época em que foi escrito, de *culteranismo*, trabalho próximo às transcrições propostas pelos irmãos Haroldo e Augusto de Campos: estas transposições foram também acontecendo nas inúmeras vezes em que o estilo literário, o raciocínio filosófico ou mesmo os exemplos históricos, ofuscavam formulações que mereciam ser ressaltadas por suas qualidades humanistas ou psicológicas.

Confesso, porém, que ao assumir a função de transcriador, mais do que tentar escapar da dicotomia entre fidelidade e traição que assombra os tradutores, ousei instalar-me confortavelmente na condição do apaixonado que se compraz em difundir sua paixão, protegido pelo álibi de que ela possa contaminar uma comunidade de leitores que ainda permaneciam virgens a seus efeitos inebriantes.

Nas anotações pessoais que fui fazendo, estas adaptações foram se impondo e, inclusive, foram se apoiando num arcabouço de comentários oriundos de uma visão de mundo tingida pelo conjunto de minhas experiências psicanalíticas. Ao terminar esta fase, vi-me diante de uma massa de material sobre uma das emoções básicas do espírito humano, que eu nunca poderia imaginar estar esquecida na obra desconhecida do filho de um herói anônimo da história colonial luso-brasileira.

Nesta altura, senti-me necessitado de levantar os dados históricos deste personagem ignorado por nós paulistanos que, no entanto, muitas vezes já passamos numa rua do bairro da Consolação, portando o sonoro nome de Matias Aires. (Aliás, reza a lenda, que um dia, numa de suas aulas-espetáculo em São Paulo, mestre Ariano Suassuna teria indagado, matreiramente, quem na plateia já ouvira falar em Kant e, quem em Matias Aires: diante do grande número daqueles que conheciam o alemão, e de um único que sabia do brasileiro, ficou sabendo que este era morador daquela rua). Isto justifica-se plenamente, já que poucos críticos, como Fidelino Figueiredo (*História da Literatura Clássica*, 1580-1756), puderam reconhecer o valor de Matias Aires: “Em cerca de dois séculos de literatura, que neste volume historiamos, não encontramos escritos tão ricamente dotados de introspecção e de expressão, como neste esquecido paulista, que é de certo das mais valiosas contribuições do Brasil Colonial para o cabedal literário da metrópole”.

2. O Homem e Seu Tempo

José Ramos da Silva (1683-1743), o pai de Matias Aires, nasceu na Freguesia de São Miguel de Beire, bispado do Porto, Portugal, e em 1695 com 12 anos, embarcou no navio “Bom Jesus de Vila Nova”, em direção ao Brasil em busca da miragem da riqueza e da ascensão social. Aqui, num período de 21 anos sediado em São Paulo, granjeou considerável fortuna e prestígio, como nos informa Ernesto Ennes (1944, p.16): “Comerciando honestamente, edificando casas, construindo e alindando capelas e igrejas, defendendo o território brasileiro das invasões francesas, pondo ao dispor do Governo ou da autoridade constituída o seu dinheiro, os seus escravos e até o seu sangue, na manutenção do direito e da ordem e, finalmente, cumprindo piedosa e devotadamente, todos os deveres de bom cristão e dedicado praticante da religião Católica”.

Em 1704 casa-se com D. Catarina Dorta, o que concorreu para aumentar sua fortuna e seu prestígio social, tornando-se uma das principais figuras da sociedade paulista pelos serviços prestados à cidade, para quem deixou obras vinculadas à sua piedade, patriotismo e civismo. Em 1705 nasce seu primeiro filho, Matias Aires e, em seguida, suas duas filhas.

Em 6-8-1710, uma esquadra de seis navios com mais de mil homens, comandados pelo famoso corsário Jean François Duclerc, atraídos pela riqueza das Minas Gerais, largamente propalada pela Europa, aportava no Rio de Janeiro: o governador Francisco de Castro e Morais encurralou o inimigo no célebre Trapiche, impondo-lhe uma rendição em 19-3-1711.

Dez meses depois, uma esquadra ainda maior, composta por 17 navios armados e 4.000 homens de desembarque, chega ao Rio para vingar a derrota anterior, chefiados por Duguay-Trouin e, rapidamente, obrigaram o governador a uma rendição, mediante o pagamento de polpudo resgate. Em frente da Ilha Grande, duas naus francesas bloqueavam as embarcações brasileiras e os navios mercantes. Um grande reforço foi solicitado de Minas Gerais, mas impunha-se obter informações sobre os planos do contingente francês para organizar uma defesa eficaz. Foi aí que José Ramos da Silva, na descrição ainda de Ennes (1944, p.38-40): “Num gesto do mais acendrado civismo, do mais acrisolado patriotismo, se mascara e, disfarçado, embarca numa canoa, dirige-se ao inimigo oferecendo-se para guiá-lo, conseguindo, a poder de astúcia e dissimulação, ser recebido a bordo como amigo. Aí esquadrinha, examina e avalia, se informando de tudo e de todos: assim documentado, serena e heroicamente retorna à terra com os dados que contribuíram para a expulsão dos invasores, além do apoio oferecido por um contingente de escravos e camaradas armados”.

Em 1716, estando já Matias Aires com 11 anos, e necessitado de estudos mais consistentes, resolve José Ramos da Silva retornar à metrópole, acompanhado de toda família e, munido do título de *Familiar do Santo Ofício*, nutriu ainda o anseio secreto de obter algum título nobiliárquico: vemos, portanto, que, embora possuidor de inegáveis méritos cívicos, esse herói, como seria de supor-se, também não estava imune ao vírus da vaidade.

Em 1719 foi nomeado pelo Senado de São Paulo representante junto ao Rei D. João V e em 1722 comprou o reputado ofício de *Provedor da Casa da Moeda Portuguesa*. Com intuitos preventivos,

envia suas duas filhas pequenas ao Convento da Trina, no intuito de oferecer-lhes uma educação esmerada, mas, também, confiado dissimuladamente em protegê-las de assédios amorosos, hipocrisia que não escapará às reflexões críticas de Matias Aires.

Este, por seu turno, foi enviado ao Colégio de Santo Antão, administrado pelos jesuítas e onde estudaram luminares da intelectualidade portuguesa como Manoel Bernardes e Antônio Vieira: com esta educação consistente ele já aos 18 anos, pertencia como sócio da *Academia dos Aplicados*, onde lhe foi permitido divulgar seus sonetos, na época, um meio seguro de garantir respeito.

Em 1723, Matias Aires recebe o grau de Bacharel em Artes de Coimbra, mas em 1727 causa um escândalo ao golpear a língua de uma escrava. A seguir, reivindicando o “Hábito de Cristo”, primeiro degrau tendo em vista à nobilitação, este lhe foi negado, pois “seu avô fora um pobre lavrador e seu pai, criado de servir e mercador de loja aberta”. Só em 1729, após uma doação à Casa Real, é que uma segunda petição foi aceita por dispensa régia.

Em 1733, após vários estágios em ambientes aristocráticos, e vários períodos de estudos, seja aprendendo hebraico e grego, seja se aprofundando nas disciplinas matemáticas e físicas, ou então graduando-se em Paris em Direito Civil e Canônico, regressa a Portugal trazendo as cicatrizes de um ferimento recebido durante o cerco a Gibraltar, onde servira como engenheiro voluntário.

Como nos lembra Tristão de Ataíde, no princípio do século XVIII operou-se uma transformação capital no mundo do pensamento. Os grandes sistemas teológicos e filosóficos do século XVII – de Descartes, de Malebranche, de Leibniz, e de Espinosa – tinham liquidado quase completamente com a tradição escolástica medieval. Por toda parte o que se via era um racionalismo que invadia pouco a pouco todos os domínios e a que se vinha ampliar um espírito crescente de experimentalismo (2011, p. 9). Matias Aires mergulhou por anos num estudo silencioso e de meditação, longe de preocupações de outra ordem que não fossem as do pen-

samento desinteressado. Nem sempre seria assim, embora a marca indelével e marcante de seu caráter e de sua existência estivesse impregnada de misantropia e esquizoidia, envolvendo seu coração celibatário. O fato é que Matias Aires equilibrou-se entre o *providencialismo* do século XVII e o *empirismo* do século XVIII, além de embeber-se pelo *estoicismo* presente nas letras clássicas que o apaixonara. “Assim como o homem de Freud seria governado pela concupiscência da carne, o homem para Matias Aires estaria governado pela concupiscência do espírito” sua filosofia aparava-se em três temas essenciais “a concepção irremediável e completa da natureza humana, a ociosidade da vida social em todas as manifestações e o poder implacável da Providência e de sua manifestação temporal, a Natureza.” (2011, p. 12-130).

Nesta altura, seu pai já havia morrido deixando-lhe uma boa herança: malgrado este fato, ele ainda encetou várias ações contra as suas irmãs, alegando as grandes quantias que o pai despendera para educá-las. De posse de poder econômico, passa a usá-lo para obter bens materiais como a compra do Palácio do Conde de Alvor, ou então para solicitar que um agente diplomático em Paris lhe arranjasse uma noiva francesa “de boa educação, gênio e qualidade, criada em convento e sem necessidade de dote ou beleza”.



Casa da Rua do Guarda Mór, onde viveu Matias Aires com seus pais e sua irmã D. Teresa Margarida de Silva e Horta

Desilusões contínuas com os esforços frustrados do pai para revestir-se de nobreza, com seus anseios não realizados de glória acadêmica, com desenganos amorosos e com os litígios familiares, resolve lançar em 1752 suas “Reflexões sobre a Vaidade”, entendendo-a como a força motriz de todos os desmandos sociopolítico-culturais. Em vez de ensimesmar-se com sua dor, partiu para uma denúncia reflexiva do egoísmo, da hipocrisia e do cinismo, apoiando-se claramente em seus desencantos com a própria vaidade. “A exemplo dos preceitos que orientavam a redação dos tratados daquela natureza com finalidades afins, Matias Aires combinou três características nos paratextos que antecedem seu manual: o tom encomiástico, a declaração de sinceridade e a afetação de modéstia”. (Chauvin, 2018, p.452).

Apesar de advertir no prólogo tratar-se de reflexões para uso pessoal sem quaisquer pretensões evangelizadoras, seu texto resce a um desabafo burguês, o qual, inflamado por sua cólera, flui no geral com um didatismo perfunctório digno de um reformador moral. Os temas são recorrentes e, muitas vezes, repetitivos, como se exercitando numa espécie de tiro-ao-alvo corretivo, que só cessará quando atingido em seu centro: acompanhamos com curiosa atenção suas críticas à precariedade da justiça, à hipocrisia e miopia social, à fragilidade humana, à corrupção, à ilusão de buscar uma glória eterna ou de exercer um poder intelectual.

Em suma (Matias Aires, 2011, p. 12), na “vaidade” de Matias Aires, não há apenas um conceito do homem e sim uma concepção geral do universo. Por antecipação dos modernos filósofos existencialistas, que tomam de um conceito como a *angústia*, o *impulso vital*, o *risco*, a *luta*, e daí partem para a compreensão do universo todo, assim parte Matias Aires da *vaidade* humana como origem de toda a sua compreensão das coisas. Não chega nunca a definir a vaidade, nem mesmo a defini-la como indefinível, a exemplo do que faz com o amor. Dá como subentendido o sentido do termo, como sendo uma paixão, ou mais precisamente uma “concupiscência” que leva o homem a cuidar mais das aparências que das substâncias, e a viver de mentiras e não de verdades.

Como vimos, após enveredar pelo campo das disciplinas matemáticas e experiências físicas, chega finalmente na busca metafísica de um *occultus vitae cibus*, aquela semente que seria o princípio universal de todas as coisas. Fracassando nesta missão, complicando-se em sua função de *Provedor da Casa da Moeda*, que herdara do pai, isola-se misantropicamente em sua casa e, instado por um amigo que lhe lamenta a má sorte, escreve uma espantosa *Carta sobre a Fortuna*, segunda tentativa autobiográfica de justificar seu destino. Ouça-mo-lo: “Já do berço trazemos conosco a nossa sorte, e parece que em nós mesmos trazemos as raízes do nosso mal e do nosso bem, e se somos felizes ou infelizes por destino, que culpa tem o destino dos nossos males? [...] Nós mesmos os fabricamos sendo artífices da desgraça e da fortuna.”



Veamos um enunciado profético de Matias Aires, antecipando o conceito de conflito mimético de René Girard.

"A vaidade surge do contágio entre os homens já que somos perversos por comparação: este é um posto inexorável que a sociabilidade nos impõe."

Matias Aires

PSICANÁLISE

ISBN 978-65-5506-108-6

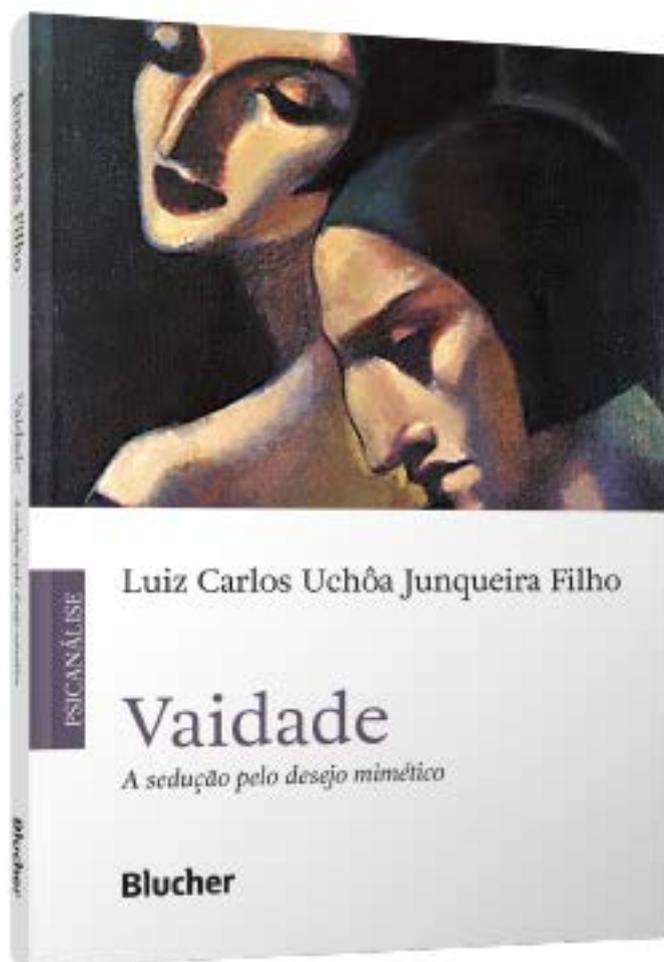


9 786555 061086



www.blucher.com.br

Blucher



Clique aqui e:

[VEJA NA LOJA](#)

Vaidade

A sedução pelo desejo mimético

Luiz Carlos Uchôa Junqueira Filho

ISBN: 9786555061086

Páginas: 114

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2021

Peso: 0.156 kg
